

RECENSÃO CRÍTICA DE “THE PRECIPICE - EXISTENTIAL RISK AND THE FUTURE OF HUMANITY” (2020) DE TOBY ORD

CRITICAL REVIEW OF “THE PRECIPICE - EXISTENTIAL RISK AND THE FUTURE OF HUMANITY” (2020) BY TOBY ORD

RESEÑA CRÍTICA DE “THE PRECIPICE - EXISTENTIAL RISK AND THE FUTURE OF HUMANITY” (2020) DE TOBY ORD

J. Bernardino Lopes

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
blopes@utad.pt

O livro “The Precipice - Existential Risk and The Future of Humanity” (2020) é um longo ensaio (480 pp) do filósofo Toby Ord da Universidade de Oxford, que trabalha, nas suas próprias palavras, sobre as grandes questões que o ser humano enfrenta. Trata o seguinte problema: como identificar, prevenir e reduzir os riscos existenciais que podem conduzir à extinção do Homo Sapiens ou a um colapso civilizacional.

A tese central do livro é: a humanidade tem um enorme potencial para se desenvolver nos próximos milhares de anos, mas “salvaguardar o futuro da humanidade é o desafio definitivo do nosso tempo. Pois estamos num momento crucial na história da nossa espécie. Alimentado pelo progresso tecnológico, o nosso poder cresceu tanto que, pela primeira vez na longa história da humanidade, temos a capacidade de nos destruir - cortando todo o nosso futuro e tudo aquilo em que nos poderíamos tornar” (p. 3).

A humanidade está, pois, à beira do precipício, mas tem condições para sair dele e prosperar. É este o ponto de partida e a ideia central de todo o livro.

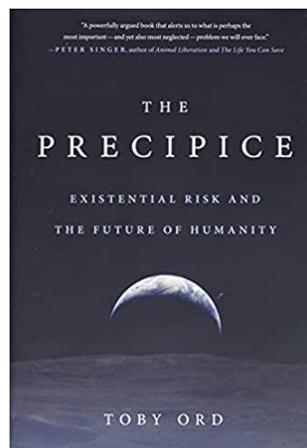


Figura 1 Capa do livro - *The Precipice - Existential Risk and The Future of Humanity* (2020) by Toby Ord.

No sec. XX a percepção pública de um verdadeiro risco existencial aconteceu com a proliferação das armas nucleares e a escalada que daí resultou tornando concretizável a possibilidade de a humanidade se extinguir. No sec. XXI o verdadeiro risco existencial, na percepção pública, é as alterações climáticas. Ambos são de origem antropogénica. Toby Ord analisa-os a ambos, mas a sua obra tem outro fôlego, outra ambição e um enquadramento bastante mais geral do problema dos riscos existenciais. Por exemplo, chama a atenção para um risco existencial para o qual não temos sido prudentes: o desalinhamento entre o desenvolvimento da inteligência artificial, de um lado, e a investigação sobre sua segurança, de outro (Bostrom, 2014).

Há uma enorme separação entre o poder que a humanidade tem atualmente ao seu dispor, devido ao conhecimento científico e tecnológico que tem, e a sabedoria necessária para lidar com ele. E este hiato está a aumentar potenciando os riscos existenciais. O problema de como lidar com os riscos existenciais é colocado à escala dos cerca de 200 mil anos que a humanidade já leva e dos muitos milhares que ainda pode ter para prosperar.

“The Precipice” além de estar bem escrito, está bem argumentado e assenta em muitos dados científicos e de organizações internacionais reportados em notas que ocupam quase um terço do livro (132 pp). Combina considerações filosóficas com evidências de variadas disciplinas científicas. É um marco na forma como a humanidade pode e deve lidar com o seu futuro. Sistematiza o conhecimento no campo dos riscos existenciais. Além disso, apresenta várias ferramentas para se lidar com eles e estima o valor de cada um dos riscos naturais e antropogénicos e como se combinam. Finalmente, apresenta uma estimativa do risco global que a humanidade enfrenta que pode conduzir à extinção ou ao colapso da civilização. Em suma, Toby Ord mostra que o problema dos riscos existenciais é 1) sério, 2) solucionável e 3) negligenciado, cumprindo os três critérios apontados por MacAskill (2016) para se considerar os problemas de longo prazo em vez dos de curto prazo.

Na parte um do livro, com dois capítulos, Toby Ord começa por nos lembrar que o Homo Sapiens na escala temporal da vida na Terra é muito recente. Ainda não atingiu o seu potencial que pode ser promissor. Poderá resolver os muitos problemas que a humanidade desde há muito almeja. De seguida precisa o conceito de risco existencial seguindo as ideias de Bostrom (2013) e as diferentes formas de catástrofe existencial em que a humanidade pode cair: extinção ou um irrecuperável colapso civilizacional ou uma irrecuperável distopia. Uma catástrofe existencial não é apenas a destruição de um grande número de vidas (por exemplo 99% das pessoas). É, sobretudo, a destruição do potencial da humanidade tornando-a incapaz de recuperar civilizacionalmente. Finalmente, descreve e explica por que a humanidade está a negligenciar os riscos existenciais e chama a atenção para a enorme responsabilidade ética de levarmos a sério este problema. Reclama uma ética de longo prazo (*longtermist ethic*) e chama a atenção para o significado cósmico da humanidade. Defende que o risco existencial é um problema novo para a humanidade, mas temos de aprender a lidar com ele. Na verdade, nunca tivemos que enfrentar uma catástrofe existencial que acabasse com a história humana, pois nós ainda estamos aqui!

A parte dois do “The Precipice” tem três capítulos. No primeiro Toby Ord analisa os riscos existenciais naturais (colisões de asteroides e cometas, supervulcões, explosões estelares e outros riscos naturais). Nos dois seguintes Toby Ord centra-se nos riscos existenciais antropogénicos. Um, nos riscos existenciais mais conhecidos (armas nucleares, alterações climáticas e destruição do ambiente) e no capítulo seguinte, bastante longo, aos futuros riscos existenciais antropogénicos com base no conhecimento disponível (pandemias antropogénicas,

inteligência artificial desalinhada, cenários distópicos e outros riscos). Toby Ord argumenta com evidências de variadas disciplinas científicas por que estes últimos apresentam uma maior probabilidade de acontecerem. Lembra que a humanidade já dispõe de sistemas de monitorização de riscos existenciais naturais (e.g. monitorização de cometas) e analisa os sistemas de monitorização para outros riscos existenciais concluindo que não dispomos de sistemas adequados ou são de muito menor eficácia.

A parte três de “The Precipice” tem três capítulos todos dedicados ao que é necessário fazer para que os riscos existenciais entrem na lista de problemas com que a humanidade tem de lidar para que tenha futuro. Os problemas do nosso quotidiano são importantes para a sobrevivência dos indivíduos, mas os problemas relacionados com futuro são importantes para a humanidade, pois podem ter consequências irreversíveis que uma ação imediata não consegue resolver (Gates, 2021). No capítulo 6 Toby Ord faz uma quantificação dos riscos existenciais, como se podem combinar e quais são os fatores de risco. Estima que os riscos antropogénicos são cerca de 1000 vezes mais prováveis que os naturais em causar uma catástrofe existencial. Analisa o risco combinado dos riscos antropogénicos e conclui que podem aumentar a probabilidade de acontecerem. Estima que existe a probabilidade de 1/6 de nos próximos cem anos existir uma catástrofe existencial por fatores antropogénicos. Esta probabilidade é, literalmente, jogar à roleta russa com o futuro da humanidade. Analisa e concluiu que os riscos mais prementes são a biotecnologia e o desalinhamento entre o desenvolvimento da inteligência artificial e a investigação da sua segurança. Finalmente, nos dois últimos capítulos Toby Ord traça um horizonte de possibilidades para o futuro da humanidade e a organização institucional que é necessário criar para identificar, prevenir e reduzir os riscos existenciais.

Se a educação diz respeito à preparação das gerações para a humanidade garantir o seu futuro, então os educadores devem ler este livro, pois trata de um assunto que diz respeito ao futuro da humanidade: lidar com o conhecimento científico e tecnológico que tanto pode conduzir a humanidade à prosperidade por longos milhares de anos como à sua extinção ou a um colapso civilizacional.

Convido o leitor a ler “The Precipice”. É uma oportunidade para construir sabedoria para lidar com o poder que o conhecimento científico e tecnológico nos dá.

REFERÊNCIAS

- Ord, T. (2020). *The precipice: existential risk and the future of humanity*. Hachette Books.
- Bostrom, N. (2014). *Superintelligence: Paths, dangers, strategies*. Oxford: Oxford University Press.
- Gates, B. (2021). *How to avoid a climate disaster: the solutions we have and the breakthroughs we need*. Knopf.
- MacAskill, W. (2016). *Doing good better: How effective altruism can help you help others, do work that matters, and make smarter choices about giving back*. Penguin.
- Müller, V. C., & Bostrom, N. (2016). Future progress in artificial intelligence: A survey of expert opinion. In *Fundamental issues of artificial intelligence* (pp. 555-572). Springer, Cham.